

Apresentação

Filósofas Analíticas Brasileiras

Completada uma década desde o que se convencionou chamar de *Primavera das filósofas*, a pesquisa de e sobre mulheres na filosofia tem crescido significativamente em nosso país, por meio de eventos, projetos variados (de pesquisa, ensino e extensão), e toda sorte de iniciativas editoriais. Entre nós, a variedade de natureza e qualidade das empreitadas de estímulo à formação de mulheres, à produção acadêmica por parte de mulheres e ao resgate dos trabalhos de mulheres na história da filosofia é tão rica quanto a amplitude territorial e cultural do Brasil. Esta abundância, a seu turno, implica desafios igualmente múltiplos. Manter a estamina necessária para dar sequência às iniciativas em curso não é tarefa de pouca monta quando os resultados efetivos de tantos esforços florescem muito lentamente. Compare-se, por exemplo, os estudos seminais de Carolina Araújo, apresentando um panorama quantitativo da (parca) presença de mulheres na pós-graduação em filosofia no Brasil¹ com os mais recentes resultados do grupo Dataphilo mostrando os tópicos de maior interesse na pós-graduação em filosofia no país:² dos 14 filósofos mais pesquisados entre nós nas últimas décadas, somente um é mulher (Hannah Arendt). A insistência em melhorar as condições para que mulheres possam fazer o que quiserem (inclusive filosofia analítica), onde quiserem (nos espaços acadêmicos ainda altamente

¹ Carolina Araújo (2016), “Mulheres na Pós-Graduação em Filosofia no Brasil - 2015”, Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia, disponível em <https://anpof.org.br/forum/mulheres-na-pos-graduacao-em-filosofia-no-brasil/mulheres-na-pos-graduacao-em-filosofia-no-brasil>; e Carolina Araújo (2019), “Quatorze anos de desigualdade: mulheres na carreira acadêmica de Filosofia no Brasil entre 2004 e 2017”, *Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade*, 24(1), 13-33, DOI 10.11606/issn.2318-9800.v24i1p13-33.

² Marcos Fanton, Hugo Mota Ribeiro Mota, Mitieli Seixas da Silva, Raquel Canuto, Carolina Araújo, Fernando Moreira (2025). “Mulheres que orientam mulheres: a filosofia em perspectiva comparada”. *Cadernos de Pesquisa* 55(1), DOI 10.1590/1980531410852; e Marcos Fanton, Hugo Ribeiro Mota, Carolina de Melo Bomfim Araújo, Mitieli Seixas da Silva e Raquel Canuto (2024). “Philosophical Research in Brazil: A Structural Topic Modeling Approach with a Focus on Temporal and Gender Trends”. *Metaphilosophy* 55 (3): 457-501, DOI 10.1111/meta.12700.

machocentrados), e como quiserem (sem subordinações a autores, temas, problemas ou métodos específicos) — a agenda feminista na filosofia brasileira, em suma — é o contexto no qual se insere este volume.

Aqui estão reunidos, principal mas não somente, os textos derivados das apresentações no 2º Encontro de Filósofas Analíticas (EBFA), que ocorreu em 2023.³ Ao abrir a chamada para publicação neste volume para pessoas que não participaram do evento, no entanto, nos deparamos com a dificuldade de estabelecer critérios para aceitação de trabalhos sob o título “Filósofas Analíticas Brasileiras”. Desejando receber submissões de trabalhos de filosofia analítica, feita no Brasil, sobre e por mulheres, precisávamos escolher uma metáfora boa o suficiente para alcançar a articulação dessas categorias. Ao invés da imagem da encruzilhada, que poderia servir se quiséssemos entender que após o cruzamento (este volume) cada qual segue seu caminho, optamos pela ideia de confluência, semeada por Nêgo Bispo: um encontro integrativo pelo qual as partes ajuntadas não deixam de ser o que ou quem são, ao passo que se ampliam: “Quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente — a gente rende” (Bispo 2023, p. 15, grifo nosso).⁴ Um atestado de que a imagem conceitual de Nêgo Bispo faz sentido para descrever as articulações implicadas nesta edição da *Perspectiva Filosófica* vem do fato de que o mesmo evento em que se originou a ideia deste volume rendeu o Grupo Interinstitucional de Filósofas Analíticas (GRIFA), projeto de extensão da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) que busca estimular a presença e permanência de mulheres na filosofia analítica, em particular através de eventos que promovem a construção de uma comunidade de apoio extra-acadêmica.

Se fosse preciso justificar a organização de eventos como o EBFA, grupos como GRIFA ou Lógicas Brasileiras, e volumes como este, recomendaríamos a leitura dos já referidos estudos quantitativos sobre a presença de mulheres e sobre os temas e autores predominantes na filosofia brasileira, além de uma reflexão sobre as causas, motivos e razões para

³ Os anais da primeira edição do evento foram publicados como livro, o volume 22 da série Rumos da Epistemologia (NEL). Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/248172>.

⁴ Bispo dos Santos, Antônio (2023). *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora.

fenômenos como o assim chamado *leaky pipeline* (“tubulação furada”),⁵ ou o “efeito tesoura”.⁶ É nossa esperança, assim, que a escassez de mulheres na filosofia analítica e da sua área irmã, a lógica, possa continuar a ser reparada por meio de iniciativas como a organização deste volume,⁷ que congrega sete artigos inéditos de filósofas e filósofos brasileiros, três traduções (um deles de uma filósofa brasileira radicada na Europa) e duas entrevistas, a seguir brevemente apresentadas.

Em “Anscombe, Kripke e a primeira pessoa”, **Carolina Bolognesi e Anderson Nakano** apresentam a disputa entre G. E. M. Anscombe e Saul Kripke acerca da referência do uso de “eu”, em particular no contexto das discussões sobre o *cogito* cartesiano. Enquanto Kripke argumenta que “eu” funciona como um designador comum passível de substituição em qualquer contexto, Anscombe o critica ao apontar que “eu” possui um caráter especial de referência, exatamente por se tratar da primeira pessoa; o artigo diagnostica a falta de compreensão de Kripke quanto às críticas de Anscombe.

“Do Ostracismo à Redenção: Cartwright e o Resgate da Noção de Causalidade”, de **Mayra Moreira da Costa**, apresenta a defesa de Nancy Cartwright à noção de causalidade, que atinge tanto o eliminativismo de Bertrand Russell quanto o reducionismo de Patrick Suppes. Em resposta ao desafio de Russell, a autora argumenta que a causalidade não é concomitante

⁵ Fenômeno que descreve a contínua diminuição de mulheres atingindo etapas mais avançadas de carreira, de modo que de um contingente de estudantes, poucas se profissionalizam, pois “gotejam” (desproporcionalmente em relação a desistência de homens na mesma carreira) ao longo de sua formação acadêmica.

⁶ Fenômeno que descreve uma inversão da proporção entre homens e mulheres ao longo da trajetória acadêmica: se um curso começa com maioria de mulheres, ao final do processo educacional, elas são minorias. A figura da tesoura ilustra que enquanto o percentual de mulheres diminui, o de homens aumenta.

⁷ Dizemos “continuar” porque, do ponto de vista histórico, essa escassez começa a ser relativamente compensada por volumes como o *Women in the History of Analytic Philosophy* (Springer, 2022), organizado por Jeanne Peijnenburg e Sander Verhaegh, e artigos como “Women and Logic: What Can Women’s Studies Contribute to the History of Formal Logic?” (*Transversal: International Journal for the Historiography of Science*, 6, 2019, [DOI 10.24117/2526-2270.2019.i6.03](https://doi.org/10.24117/2526-2270.2019.i6.03)) de Karin Beiküfner e Andrea Reichenberger, para citar dois exemplos vindos do Norte Global – e que, portanto, acabam não contemplando tradições e autoras do Sul Global, como Ayda Ignez Arruda, Andrea Loparić e Gladys Palau, dentre outras. Para o caso de Arruda, veja-se “History of logic in Latin America: the case of Ayda Ignez Arruda” (*British Journal for the History of Philosophy* 30(2): 384-408, 2022, [DOI 10.1080/09608788.2021.2006139](https://doi.org/10.1080/09608788.2021.2006139)) de Gisele Dalva Secco e Miguel Alvarez Lisboa.

nem com determinismo nem com necessidade, de modo que apenas a noção clássica de causalidade deve ser rejeitada.

Em “O que o tratamento de Wittgenstein das provas matemáticas pode nos dizer sobre desacordos profundos?”, **Camila Jourdan** oferece um paralelo entre elementos da filosofia da matemática de Wittgenstein e a atualíssima problemática dos desacordos profundos. No artigo, a autora nos lembra das especificidades do tratamento wittgensteiniano da matemática como âmbito no qual não há distinção entre possibilidade factual e possibilidade em princípio, ou seja, onde o sentido e a verdade das proposições não se distinguem — diferentemente do campo referencial ou descritivo da linguagem, onde sentido e verdade são aspectos independentes. A partir daí, mostra-se como os desacordos profundos, que não podem ser resolvidos por meio do jogo de dar e pedir razões, assemelham-se às práticas matemáticas de prova, dada a sua dimensão performativa.

Em “A Política do Conhecimento: da Ética Individual à Transformação Estrutural”, **Kariane Marques** critica a teoria da injustiça epistêmica de Miranda Fricker, sublinhando suas insuficiências no que diz respeito ao tratamento dos aspectos estruturais e intencionais dessas injustiças. Trazendo as vozes de intelectuais negras brasileiras ao debate para discutir especificamente o preconceito identitário de raça, a autora mobiliza Cida Bento, Sueli Carneiro e Lélia Gonzalez para expor o racismo como projeto político-epistêmico de dominação, e não uma mera falha em atribuição de credibilidade por agentes isolados.

Em “O debate Beardsley-Dickie sobre a natureza da experiência estética”, **Rosi Leny Morokawa** reconstrói os principais momentos de controvérsia entre Monroe Beardsley e George Dickie em torno das características essenciais da experiência estética. A autora mobiliza a distinção de Gary Iseminger entre a concepção fenomenológica e a concepção epistêmica da experiência estética, mostrando como Beardsley transita de uma para outra como resposta a Dickie. O texto também aponta limitações à classificação de Iseminger, que falha ao considerar o caráter fenomenal do valor estético, e sugere que esta via de análise seria mais produtiva.

“Antiplatônismo aritmético: uma análise crítica da proposta de Kitcher”, de **Daniela Moura Soares**, apresenta os argumentos de Paul Benacerraf e Philip Kitcher contra o platonismo matemático. O artigo aponta que Kitcher, ao desconsiderar aspectos relevantes da prática matemática, se apressa ao tirar conclusões acerca da relevância filosófica do fato que a aritmética se reduz à teoria de conjuntos. Apelando ao naturalismo matemático de Penelope Maddy e Mary Leng, a autora sustenta que há escopo para rejeitar o critério de economia ontológica que Kitcher pressupõe e, portanto, resistir seu argumento contra o platonismo.

Milena Oliveira Pires, em “Três formas de injustiça epistêmica: testemunhal, hermenêutica e contributiva”, apresenta as duas primeiras formas de injustiça tal como elaboradas por Miranda Fricker para, a seguir, complementar a abordagem frickeriana com a noção de injustiça contributiva, proposta por Kristie Dotson. A autora discute algumas implicações dessas formas de injustiça para grupos sociais marginalizados, bem como a efetividade de certas estratégias para o enfrentamento de suas consequências.

Em “Entre Teorias e Práticas de Escrita Filosófica: uma resenha do livro ‘Penso, logo escrevo’ de Veronica Campos”, **Matheus Costa** e **Lucas Jairo Cervantes Bispo** nos introduzem ao livro de **Veronica Campos**, que nos apresenta diversas variantes de ensaios filosóficos, mostrando a estrutura argumentativa que cada texto pode oferecer. O livro é uma rica caixa de ferramentas tanto para quem está começando a escrever filosofia, quanto para as pessoas mais experientes interessadas em renovar seus critérios de nitidez metodológica.

Jasmin Trächtler, em “Da Dúvida ao Desespero – Uma Perspectiva Wittgensteiniana sobre o Gaslighting”, traduzido por **Toma Gheorghe Tavares de Melo**, **Fábio Praxedes** e **Marcos Silva**, nos apresenta uma análise do fenômeno de *gaslighting* através de considerações wittgensteinianas sobre o fenômeno da dúvida.

Isabel G. Gamero Cabrera, em “Reconhecendo Mulheres: algumas ideias wittgensteinianas para esclarecer o debate cis/trans”, traduzido por

Fábio Gabriel Tavares Praxedes, Saraquiel Alves e Marcos Silva, propõem aplicar as ferramentas críticas de Wittgenstein ao essencialismo para analisar a questão presente nos feminismos contemporâneos acerca de quem seria o sujeito do feminismo.

Catarina Dutilh Novaes mostra, em “Podem argumentos mudar opiniões?”, traduzido por **Ariana Romão dos Reis** e **Ederson Safrá Melo**, que as dinâmicas de convencimento contêm mais do que apenas força argumentativa. Em cenários reais, preconiza a autora, é necessário considerar também as redes de atenção e percepções de credibilidade. É possível mudar opiniões, mas isso requer condições socioepistêmicas propícias ao engajamento.

Paloma Xavier e Sofia Abelha entrevistaram **Beatriz Sorrentino**, que compartilha suas experiências na academia, desde a escolha da carreira até sua atuação na vice-presidência da Sociedade Brasileira de Filosofia Analítica (SBFA), no Grupo de Escrita de Mulheres na Filosofia (GEMF) e na participação na Rede Brasileira de Mulheres Filósofas. A discussão aborda as dificuldades e estereótipos enfrentados por filósofas, incluindo a escassez de professoras e os esquemas de gênero que afetam a participação em sala de aula.

Evelyn Erickson entrevistou **Janyne Sattler**, que nos conta sobre sua escolha pela Filosofia, sua percepção tardia da sub-representação feminina no campo filosófico, e sua leitura ético-política de Wittgenstein. As filósofas discutem também sobre a alegada despolitização da “filosofia analítica”, a necessidade de combate ao colonialismo intelectual na academia, e a importância da diversificação curricular — ponto no qual é mencionado o projeto “Uma Filósofa por Mês”, assim como a atuação de Sattler como presidenta da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF).

Esse volume é fruto de um esforço coletivo. Agradecemos às autoras e aos autores por nos confiar a editoração de seus trabalhos, a todas as pessoas que dedicadamente elaboraram os pareceres, à equipe editorial da revista, e em especial a Marcos Silva, editor-chefe da *Perspectiva Filosófica*, que de tantas formas quanto são possíveis, estimula o trabalho filosófico de jovens pensadoras e pensadores.

perspectiva filosófica

Dissemos acima que dentre os desafios enfrentados por quem se engaja na agenda feminista (e, poderíamos adicionar, em toda agenda que almeja maior diversidade de sexo, gênero, cor, etnia e classe social na academia) encontra-se a necessidade de manter a estamina para dar sequência ao trabalho de diversificação e inclusão em espaços altamente machocentrados. Acalenta-nos, no entanto, umas das lições do “Método Sueli Carneiro” (explicitado por Cidinha da Silva):⁸ “Para nós, as coisas demoram mais, o caminho é mais lento”. Convidamos as leitoras e leitores a analisar as páginas seguintes com as mentes e os corações abertos ao aprimoramento de nossas ideias filosóficas e nossas práticas acadêmicas — com boa disposição para seguir confluindo e rendendo pelos caminhos da filosofia brasileira.

Evelyn Erickson
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Gisele Secco
California State University (CSU)

Paloma Xavier
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Sofia Abelha
Universität Wien (UniWien)

⁸ Cidinha da Silva (2025). *Só bato em cachorro grande, do meu tamanho ou maior: 81 lições do método Sueli Carneiro*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.